

A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — Affonso Vargas

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 3000 réis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros..... 12000 .. Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros... 12000 .. Numero avulso..... 3000 ..	N.º 44	Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, 87, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

O ULTIMO LIVRO DO SR. VISCONDE DE OUGUELLA

Chama-se *As Expições*, e é o sexto volume de uma serie que o erudito escriptor intitului *Os Salões*.

Livro sereno, escripto sem outra preocupação que a de extrahir de um certo conjunto de factos a critica que estes encerram, e a lei que os explica e determina, o ultimo trabalho do sr. visconde de Ouguella, se em absoluto não dá novidades aos que andam mais ou menos familiarisados com a ordem de estudos a que elle se dedica, apresenta, porém, enunciados suggestivos e observações interessantes por mais de um titulo.

É sobretudo uma obra de vulgarisação, importante pelo fim que tem em vista e pelo principio a que obedece, e, facto curioso, sendo como dissemos, um trabalho sereno, quasi didactico, pôde ao mesmo tempo considerar-se, sob alguns aspectos, demolidor e revolucionario, no sentido philosophico d'estas palavras.

Apparentemente, é isto uma contradicção; mas, desde que desdobramos o sentido de certas expressões, e virmos o que ellas querem verdadeiramente exprimir, concluiremos que ha multiplas e variadas formas de fazer revolução, mesmo dentro dos mais quietos e suaves moldes de uma lingua escripta.

Este é o caso presente. Quem conhecer o auctor dos *Salões* sabe que elle é hoje, por muitos motivos, um homem de ordem, como é de uso dizer-se, um espirito disciplinado pela influencia profundamente pacificadora da sciencia e do estudo, um trabalhador infatigavel, mas calmo e reflexivo, sem as impaciencias nervosas dos agitadores por instincto ou por convicção, e forte e fundamente penetrado do principio philosophico da contingencia das cousas.

No entanto, apesar d'isso, ou talvez por isso, elle é dos escriptores portuguezes do seu tempo aquelle que nos seus livros mais tem acompanhado a poderosa e fecunda renovação mental dos nossos dias, e pôde desvanecer-se com a invejavel gloria de pertencer ao numero dos poucos que entre nós têm vulgarisado algumas idéas novas.

Ha espiritos de uma exigencia critica tão pouco racional e coerente, que não julgam isto bastante, e reclamam de todo o escriptor a sua contribuição pessoal de originalidade e de concepções proprias; e

esses talvez achem o livro de que fallámos um livro frouxo, ou pelo menos um livro incharacteristico...

Quer-nos, porém, parecer que não são justos, porque, através das quasi trezentas paginas d'elle, mais de um ponto de vista individual virá demonstrar no visconde de Ouguella um pensador independente, e não esperando sempre pelas conclusões alheias, mas tendo-as ou achando-as proprias. Ha até notas verdadeiramente curiosas sob este aspecto.

Assim, por exemplo, descrevendo a acção poderosa que a artilheria começou a exercer no seculo xvi, diz elle finalmente, a respeito do emprego da polvora, que ella contribuiu para destruir o poder politico dos grandes vassallos «emmudecendo-lhes as roncãs e ousadias, e por este facto concorreu largamente para tornar irresistivel a supremacia dos reis, auxiliando poderosamente a formação dos grandes estados. Successos estes, que foram n'aquelle tempo de uma importancia summa para a evolução social».

São igualmente curiosas e dignas de seria attenção as paginas em que o auctor descreve a traços largos, mas vivos, a historia do judaismo, essa raça proscripta, constituindo uma patria ideal sem base geographica, mas com uma ampla e interessantissima tradição social e historica; aquellas em que pinta a influencia dos arabes no movimento da civilisação geral, e a acção hegemonica por elles exercida no occidente, para quem foram os reveladores de toda a sciencia do mundo greco-romano, e em cujo solo iniciaram tantas e tão bracejantes industrias, que algumas d'ellas resistiram a milhares de convulsões ultteriores e a derrocadas tremendas;—e finalmente aquellas onde falla da existencia gloriosa e brilhante d'essa raça na peninsula hispanica.

Segue depois a descripção copiosamente erudita, sempre interessantissima e por momentos candente do nosso dominio na India, da supremacia que um instante exercemos no mundo, dos serviços que prestámos á civilisação e á humanidade, e por fim da nossa triste, mas irremediavel decadencia social, começando para nós no dia em que, fracos e enervados, nos esquecemos de que só fomos grandes quando se tratava de descobrir, de combater, de navegar, e que desaparecemos no abismo sem fim das nacionalidades mortas quando immissemos na onda de prazeres e de riquezas de que essa mesma India nos ia ensinar o fatal segredo...

Depois de Alcacerquibir e em breves, brevissimos dias «ia-se apagar essa via lactea, essa estrada luminosa que constituia a hegemonia dos mares confiada pela evolução a Portugal», como tão lucidamente escreve o auctor.

Por fim, o livro termina com uma exposição elevada e palpitante dos diversos phenomenos que caracterizam o actual momento historico, e n'uma exposição de intuitos philosophicos desprendidos de todas as preoccupações de qualquer ordem, deixadas antevar qual será a trajetoria que a Humanidade irá descrever, emquanto a Vida animar esta indifferente e insensivel Terra em que habitamos.

Quizeramos dar aqui mais de um trecho d'este livro, mas na impossibilidade de o fazer agora, devemos ao menos registar qual é a conclusão que o sr. visconde de Oguella pretende tirar das premissas que estabeleceu ao escrever-o.

O titulo se encarrega, porém, de nos dar a conhecer essa conclusão.

Expiações, eis o que o auctor encontra no fundo de todos os actos que significam por qualquer forma uma violação das leis sociaes, leis tão inflexiveis e tão rigorosas como as leis naturaes, e que, embora não completamente estudadas em todas as suas modalidades e determinantes, influenciam e modificam poderosamente o espirito humano, comquanto seja elle proprio quem as tenha ou descoberto ou formulado.

Estabelecendo como fio conductor a formula tão lucida e tão exacta do principio da evolução elaborado pelo grande Spencer, o sr. visconde de Oguella, evolucionista confesso e convicto, vê em todos os motivos que determinam o proceder d'essas vastas aglomerações de homens, que constituem os povos e as raças, o resultado da selecção natural e da concorrência pela vida (*the survival of the fittest*).

E levando este principio ás suas conclusões extremas, observa que na propria elevação de certos typos sociaes ou individuaes a um grau superior de perfectibilidade e de civilização não já misturados os germen, que mais tarde hão de originar o esphacelamento e a morte d'esses mesmos typos, pois que é condição essencial da propria existencia em si que todo o ser vivo, todo o organismo, emfim, obedeça ao principio natural do maximo desenvolvimento e da irremediavel ruina.

Só a Humanidade, eterno Protheu e sempre resurgida Phenix, não morre nem decáe no sentido lato das palavras; mas uma hora virá acaso em que porventura ella terá tambem de desaparecer de vez!

Não diz isto o erudito publicista d'*Os Salões*, nem precisa dizel-o, mas é uma das resultantes que se podem inferir do seu ultimo livro.

De resto, a Humanidade tem ainda, quanto a nós, uma larga missão a desempenhar, e o Destino ha de permittir por certo que ao menos a desempenhe em parte.

No actual momento historico, por exemplo, precisa ella refundir pelo Direito o que a Força só tem conseguido amalgamar, e tem que mostrar á luz e ao espaço, unidos de novo pela solidariedade e pela fraternisação, dois pedaços separados da sua alma, dois elementos indispensaveis e insubstituiveis de todo o progresso, que a ignavia, o despotismo e a bruta

cegueira dos factos desligaram estupidamente, por uma estreiteza de entendimento e por uma mesquinhez de coração que fazem sangue na consciencia...

Referimo-nos á Alemanha e á França.

Publicamos em tempo um formosissimo e ao mesmo tempo profundissimo trecho de Renan sobre este mesmo assumpto, e o facto de no final do livro de que viemos occupando-nos se alludir a esse recontro provavel e funesto das duas gloriosas nações, trouxe-nos ao espirito este queixume.

A França — quem será o curto cerebro que o conteste? — tem sido a educadora e a mestra de toda a raça latina, e não seria até difficil provar que o foi durante um tempo de uma parte da propria Alemanha; nós devemos-lhe tudo, desde a liberdade politica até á independencia religiosa, e no pedaço de céu que lhe coube em partilha fulguram estrellas de tão diamantino brilho e de tão assombrosa grandeza, que nenhuma sombra, por maior que seja, conseguirá encobrir um momento; mas a Alemanha, não o esqueceramos tambem, não a Alemanha dos guerreiros e dos ambiciosos, a Alemanha dos poetas, dos philosophos, dos criticos e dos sabios, é um grande, um gloriosissimo paiz, sobre o qual não podem prevalecer os odios estreitos de quem quer que seja, e que as bravatas insulsas ou deslocadas de meia duzia de obcecados, que se digam seus filhos não conseguirão deprimir ou infamar.

E porque, como dizia o glorioso Renan, cada uma d'estas metades do espirito humano é indispensavel para que elle descreva no espaço azulino e immortal das idéas o seu luminoso disco, nós, apesar de latinos pelo sangue, pela educação e pelas sympathias, não podemos nem sabemos esquecer a grande nação, tanto tempo sua irmã, sua collaboradora, sua discipula ou sua mestra nas fecundantes profigações do estudo e nas gloriosas descobertas do saber, e quizemos encontrar de novo unidos pelo mesmo affecto e estimulados pelos mesmos principios aquelles que symbolisaram no mundo a triplice encarnação da Sciencia, da Poesia e da Arte...

Bem vemos que é uma utopia isto, e que uns e outros cavam cada vez mais fundo o sulco que desgraçadamente os divide; mas possa qualquer d'esses principios que acima indicámos, e que não são todos elles senão as eternas manifestações da verdadeira força persistente e invencivel, conseguir esse fim, e n'esse dia a Humanidade respirará contente.

* * *

Reparámos agora que nos afastámos do livro do sr. visconde, mas, como vêem, foi elle proprio quem nos provocou a digressão.

Confia o illustre auctor no futuro das Gallias, quaesquer que sejam as manchas que possam obumbrar esse fulgentissimo sol, e tambem nós confiamos.

Esse é mesmo um dos mais ridentes sonhos do nosso espirito, e tudo o que de qualquer modo fere ou deslustra a França sentimol-o como se ferissem toda a gloriosa raça a que pertencemos.

Alem d'isso, como o diz Renan, se o concurso da Alemanha é indispensavel á integração do pensamento contemporaneo, o influxo da França é por igual se não ainda mais imprescindivel á realisação

sensata e convincente de todas as generosas aspirações da democracia e da sciencia, em tudo o que estas palavras significam de immaculado e de bello.

Ha mais até. A Allemanha de per si é isso que os senhores vêem hoje — um paiz que espiritualmente é ainda assombroso e dominador, mas que politica e socialmente está gerando a desconfiança, o odio, a animosidade em summa. E só a França, apesar dos lamentaveis desvarios dos seus politicos ambiciosos e incoherentes, das suas constantes e dolorosas provações de toda a ordem, é ainda e sempre a gloriosa nação amiga de todos os formosos e consoladores sonhos que illuminam a Humanidade na sua attribulada e tormentosa carreira de seculos, só ella é ainda e sempre a dedicada evangelisadora amavel de todas as bellas cousas que a Poesia e a Liberdade têm prégado ao mundo no seu esmalteado e lucilante verbo...

Mercê da maravilhosa clareza da sua lingua, do proselytismo sympathico dos seus filhos, ella mais depressa pôde convencer e vencer os povos, pela simples influencia da sua parenese prestigiosa, do que todos os argumentos escorados na sciencia de mil academias estranhas...

Por isso com maior facilidade poderia ella dispensar o concurso de quem quer que fosse, se uma especie de providencialismo historico, ou como queiram chamar-lhe, não tornasse insubstituivel, para o que chamaremos a ordem ideal do mundo, o concurso indistincto e obrigatorio de todas as nações...

Eis porque se individualmente estaria no caso de prescindir da Allemanha ou de qualquer outro paiz, com elemento preponderante e eficiente d'essa ordem ideal, não pôde fazel-o. Comtudo, menos ainda poderão fazel-o os demais, e por isso nós lamentamos a situação da Allemanha.

De resto, o panslavismo a que o sr. visconde allude no seu livro, se encarregará talvez de restabelecer n'um futuro mais ou menos proximo o equilibrio logico do pensamento humano, e é possível que as gerações que hoje vem surgindo á luz possam repetir, como o auctor, que a França não disse ainda a sua ultima palavra.

* * *

Alongámo-nos demasiado, e não dissemos do livro em questão quanto desejavamos, mas o maior elogio d'elle é precisamente o ser um livro suggestivo, que obriga a pensar e a reflectir, e as auctoridades, e as citações, e os conceitos scientificos de que elle vem recamado mostram no sr. visconde de Ouguella um espirito altamente familiarisado com todas as questões que interessam a civilisação contemporanea.

Alguem o censurará talvez de, alem de não ser sempre original, concluir pouco ou não estabelecer um principio determinado e assente, mas não se inventa a sciencia, applica-se; e ella, por si, tambem não dá conclusões, determina-as ou indica-as, e é a sociedade que as experimenta e as afere.

Que algumas que se podem tirar do ultimo livro do sr. visconde não sejam para esta demasiado dolorosas, eis o que todos nós deveremos desejar-lhe, e que as faltas e as imprevidencias do presente não tenham, no porvir, de ser pagas e excedidas em amarissimas e tremendas expiações, é tudo quanto

podemos ambicionar para a nossa raça e para o nosso meio.

Concluindo, acrescentemos que o livro que nos suggeriu estas linhas é sempre escripto n'uma lingua-gem recamada e vernacula, a que por vezes o sabor classico dá um delicioso travo antigo, que os apreciadores muito saborearão.

Nós confessamos em verdade que não é precisamente este o estylo que mais nos seduz sempre, mas alem de o acharmos cabalmente justificado em certos assumptos, sabemos, ou pelo menos diligenciámos fazer justiça, mesmo contra as nossas preferencias e sympathias...

E agora permittam-nos os leitores que lhes recomendamos vivamente a leitura de uma obra onde tanto se aprende e se pensa, e da qual lhes daremos no proximo numero um trecho por todos os titulos notavel.

AFONSO VARGAS.

LAURENS JANSZON COSTER

E A INVENÇÃO DA TYPOGRAPHIA

VII

Os documentos que acabámos de transcrever, e cuja authenticidade nos parece indiscutivel, não têm comtudo podido convencer a todos que á Hollanda coube a honra de servir de berço á typographia, e que a Coster se deve a gloria do invento.

Para esta incredulidade concorre o ter-se escripto muitissimo a respeito de Gutenberg e mui pouco acerca de Coster. Mesmo entre os typographos, que parece deveriam ser os mais interessados em conhecer as origens da arte que professam, o nome d'este ultimo é quasi inteiramente desconhecido. Os escriptores allemães, talvez por espirito de patriotismo, constituíram-se thuribularios de Gutenberg; n'essa cruzada acompanharam-os alguns escriptores francezes e, o que é mais para lastimar, até um escriptor hollandez, o dr. Anton van der Linde, não duvidou publicar em 1870 o seu livro sobre typographia, que intitulou a *Lenda de Haarlem*, no qual metteu a ridiculo a tradição e tratou desapiedadamente os que a acceitavam. Pouco depois da publicação da *Lenda de Haarlem*, Van der Linde exilou-se voluntariamente, indo residir em Allemanha, onde, por meio de artigos publicados em diversos jornaes, fez crer aos allemães que o seu exilio era devido a não poder continuar a residir na sua patria, em consequencia da animadversão que o seu livro tinha levantado contra elle, pois tinha destruído pela base a velha lenda, dando as honras do invento a Gutenberg.

A Allemanha não devia ser ingrata a quem lhe prestava tão relevante serviço; e, com effeito, as suas lamentações, se não outras influencias, concorreram poderosamente para que, passado pouco tempo, fosse nomeado bibliothecario em Wiesbaden.

Já no exercicio do seu novo cargo publicou em allemão um grosso volume de 800 paginas, sob o titulo de *Gutenberg: Geschichte und Erdichtung aus den Quellen nach gewiesen* — Stuttgart, 1878. Este livro, que parece ter sido publicado a expensas do proprio imperador, foi na Allemanha considerado o *magnum opus* do dr. Van der Linde; todavia não se encontram n'elle senão transcripções de outros livros,

e nem sequer um documento authenticico que possa elucidar a questão fundamental. Em compensação Van der Linde diz muito da sua pessoa, e rompe em violentas verrinas e diatribes contra todos os que têm querido investigar o que possa haver de verdadeiro na tradição de Haarlem.

Dois exemplos bastam: Fallando de C. A. Schaab, que publicára, em 1830, um livro em 3 vol. acerca da invenção da imprensa, transtorna-lhe ridiculamente o nome, designando-o por *Schaabskopf* (cabeça de carneiro); o dr. Campbell, bibliothecario da real bibliotheca de Hague, é mettido a ridiculo e comparado a um vagabundo. Por estes resumidos traços biographicos se pôde aquilatar já o valor e a seriedade das suas obras e a importancia que merecem.

Mas se na Alemanha a obra de Van der Linde foi reputada como a ultima palavra sobre a origem da typographia, não teve igual successo nem se lhe concederam iguaes fóros em Inglaterra.

Mr. J. H. Hessels, bibliothecario da universidade de Cambridge, encarregado de escrever o artigo *Typographia* para a *Encyclopædia Britannica*, lendo, entre outros, o livro de Van der Linde, teve fortes duvidas em se declarar abertamente por Gutenberg, e em 1882 apresentava publicamente essas duvidas n'um folheto intitulado: *Gutenberg: Was he the inventor of printing?* em que confessava a sua hesitação acerca do verdadeiro inventor da imprensa, e em que participava a intenção de ir á Hollanda ver se colhia alguns subsidios para melhor poder desempenhar-se do encargo que lhe fóra commettido.

Ora, ha um facto que merece ser aqui registado: Até 1816 parece não ter occorrido a pessoa alguma fazer investigações nos archivos de Haarlem. Junius e todos os mais apenas contavam o que tinham ouvido e era tido por verdadeiro. N'este anno, porém, um tal Jacob Koning publicou um livro, no qual dizia ter cuidadosamente investigado os registos de Haarlem e todos os documentos que possedessem lançar alguma luz sobre o assumpto, e embora Koning fosse reconhecidamente inhabil para semelhante tarefa, o seu livro foi tido por immaculado, e as investigações, a que elle diz ter procedido, julgadas dignas de todo o credito. Ora, todos os livros que tratam das origens da typographia, publicados desde 1816, baseiam-se na obra de Koning, e d'ella tiram os seus argumentos, e, portanto, não possuem mais valor historico, nem merecem mais confiança.

Mr. Hessels, querendo, pois, certificar-se sobre o que havia de verdadeiro a tal respeito, transportou-se á sua custa a Haarlem, e, a despeito das difficuldades de toda a ordem que sempre encontra um estrangeiro quando procede a taes investigações, conseguiu descobrir documentos comprovativos acerca da intervenção directa da Hollanda na invenção da imprensa. Escreveu logo a Van der Linde, participando-lhe a sua descoberta e pedindo-lhe, em homenagem á verdade, que rectificasse o que havia de erroneo nas obras que havia publicado. Van der Linde respondeu a Hessels, dizendo-lhe que ia refundir o seu livro, para o que tinha requerido um subsidio do estado, o qual esperava receber do proprio imperador da Alemanha. O novo livro appareceu com effeito em 1885 e, em vez de rectificações, só veio pôr mais em relevo a mania do auctor, em

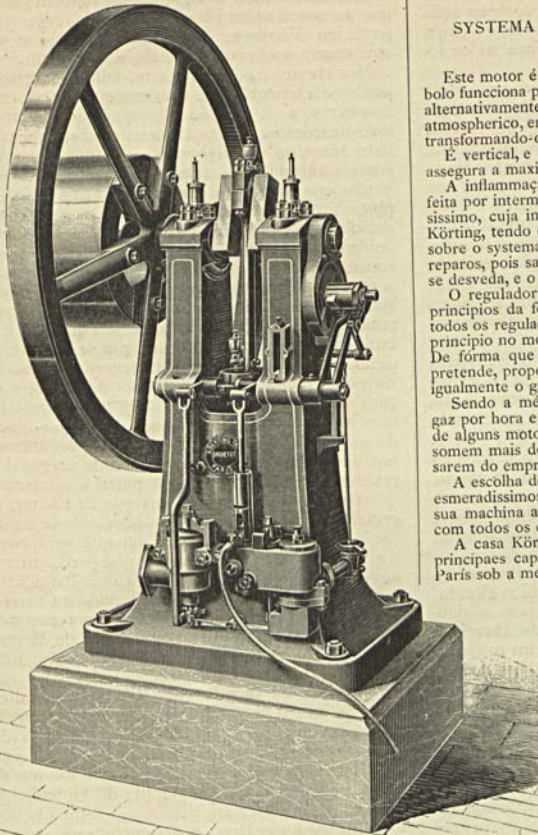
relatar factos sem indagar a sua authenticidade, e quanto aos ataques pessoas ainda excede, se é possível, em diatribes as anteriores publicações do auctor contra as pessoas que lhe desagradam.

Mr. Hessels, pela sua parte, tendo compilado todos os documentos que encontrára dispersos em varios livros, e os que pôde alcançar nas suas proprias investigações na Hollanda, deu á luz, em 1887, o seu livro *Haarlem the birth-place of printing, not Mentz*, em que afirma categoricamente que foi em Haarlem e não em Moguncia que a sublime arte typographica teve a sua origem. Nós, sem nos podermos decidir abertamente por qualquer dos contendores, confessámos, comtudo, que o livro de Hessels causou no nosso espirito profunda impressão. Acresce a isto que, quem ler os documentos biographicos referentes a Gutenberg, não poderá deixar de reconhecer que ha alguma cousa de equivooco e mysterioso nas circumstancias em que se envolve a sua descoberta da typographia. O segredo de que foram rodeadas as primeiras operações do inventor explicam sem duvida uma parte d'essas circumstancias; mas ha bastantes lacunas, reticencias e suggestões da parte dos escriptores seus contemporaneos, que nos deixam n'uma certa obscuridade acerca do maravilhoso invento. Pondo de parte a accusação de que Gutenberg subtrahira os tipos de Coster, como pretendem alguns escriptores, baseando-se na declaração de Dierick Coornhert, ou que se aproveitou d'elles como outros affirmam, o que parece mais provavel é que foi á vista dos *Donatus* hollandezes, isto é, dos primeiros trabalhos attribuidos a Coster, que elle concebeu a idéa de aperfeiçoar os tipos moveis, idéa que poz em pratica nas edições de Moguncia.

Se n'aquelles tempos se usasse já o systema dos privilegios, que só mais tarde foi adoptado¹, não se levantariam as duvidas que hoje nos assalteiam; mas, na incerteza absoluta em que nos encontramos entre documentos contradictorios, julgámos difficil poder com segurança discriminar quaes sejam os que merecem maior credito.—N'este mesmo jornal já foi publicada uma biographia de Gutenberg, esplendidamente escripta pelo nosso estimado collega sr. José Antonio Dias; n'ella encontrarão os nossos leitores os factos principaes da vida do illustre typographo, e com especialidade os que se referem á sublime invenção que lhe é attribuida. Nós, pela nossa parte, só procurámos englobar os documentos que nos parecem bastante comprovativos da iniciativa que Coster tomou na utilissima invenção da imprensa. O leitor imparcial, lendo uma e outra, poderá mais seguramente formar o seu juizo, confrontando os argumentos pró e contra, e tirando d'elles os corollarios que lhe parecerem mais consentaneos. Quanto a nós, damos por terminada esta tarefa, convictos que prestámos, no estreito limite dos nossos recursos, um pequeno serviço aos que se dedicam á nobilissima arte typographica, a que tambem nos honrámos de pertencer.

P. FUERTAS.

¹ O senado de Veneza concedeu, em 1460, privilegio a João de Spira, para poder imprimir. É o primeiro privilegio typographico de que ha noticia authenticica. As primeiras obras impressas por João de Spira foram as *Cartas* de Cicero e a *Historia natural* de Plinio. Esta ultima é considerada como um dos melhores specimens typographicos d'aquella epocha.



COUSAS UTEIS

Aparas de couro.—O fabricante de sapatos de liga, os sapateiros e correieiros pagam a quem lhe tire de casa as aparas de couro; provavelmente por ignorarem que este espedício tem bom valor.

Nos Estados Unidos são preparadas para colla, extrahindo previamente o tannino ou dissolvendo as aparas em massa e passando-as por cylindros se fazem voltar ao estado quasi primitivo de couro sufficientemente bom para enchimentos, ou em pano para forrar paredes de tabiques sem cal que hão de receber papel, em malas, chapéus, etc.

Cacos de louça.—As nossas fabricas de louça carregam barcas de cacos de louça que quebra no forno e dependem para os deitar fóra; contudo moidos em pó por meio de galgas seria um excellente componente para cimentos proprios a reestamentos de paredes contra a humidade; e misturado o pó com cal, fezes e oleo, endurece mais do que a pedra.

MOTOR A GAZ SYSTEMA KÖRTING, IRMÃOS, DE HANNOVER

MODELO DE 1888

Este motor é de systema de quadrupla acção, isto é, o embolo funciona primeiro como bomba para aspirar e comprimir alternativamente a mistura inflammavel de gaz carbone e ar atmosferico, em seguida como motor, inflammando o mixto e transformando-o em força effectiva.

É vertical, e o seu formato sobre extremamente elegante assegura a maxima estabilidade.

A inflammção da mistura de gazes dentro do cylindro é feita por intermedio de um distribuidor de valvulas engenhosissimo, cuja invenção e uso constitue um privilegio da casa Körtling, tendo este systema de distribuição enorme vantagem sobre o systema de gaveta, sobretudo por ser menos sujeito a reparos, pois sabe-se quão facilmente a superficie das gavetas se desveda, e o trabalho a que a sua perfeita vedação dá lugar.

O regulador de velocidade d'estes motores é fundado nos principios da força centrífuga, como o são geralmente o de todos os reguladores nos motores. A applicação, porém, d'esse principio no motor Körtling é o mais simples e effizaz possível. De fórma que o motor andando com a velocidade que se pretende, proporcionalmente á força a desenvolver, consome igualmente o gaz precisamente n'essa relação.

Sendo a média de consumo d'estes motores 750 litros de gaz por hora e por cavallo, sejam $\frac{3}{4}$ de metro cubico, sabemos de alguns motores em Lisboa de 4 e 5 cavallos que não consomem mais do que essa unidade por hora, visto não precisarem do emprego da sua força completa.

A escolha do material e o acabamento d'estes motores são esmeradissimos, e os constructores têm apurado o estudo da sua machina a ponto de ter sustentado e vencido certamens com todos os demais constructores nas ultimas exposições.

A casa Körtling tem a sua séde no Hannover, filiaes nas principaes capitães da Europa, e uma casa constructora em Paris sob a mesma firma. É mais que provavel que os maiores triumphos lhe estejam reservados na proxima exposição universal.

Em Lisboa, Porto e Braga, onde actualmente funcionam cerca de vinte motores ha pouco mais de um anno, estão occupados os seguintes em trabalhos de imprensa:

Typographias:

De Antonio Ignacio da Fonseca . . .	2 cavallos
De Bizarro & Silva (Pelourinho) . . .	2 "
Do Dia	4 "
Do Correio da Noite	5 "
De Gabriel de Almeida Grillo	2 "
Do Jornal de Noticias (Porto)	3 "
De Cesar de Lima (Braga)	2 "
Lithographia de E. Barrault	1 "

D'estes motores, que todos trabalham á satisfacção dos seus possuidores, convem notar, que só os tres ultimos são do modelo de 1888.

Alem d'estes, porém, differentes do ultimo modelo se acham applicados a diversas industrias, como confeitarias, tecelagens, moagem, peneiração, serrarias, etc.

Da casa Körtling, como de outros afamados fabricantes estrangeiros, são agentes em Lisboa os srs. Esteves & C.ª (rua Serpa Pinto, 22 a 26), a quem já n'esta revista por vezes nos temos referido com o louvor que merecem pela pontualidade e honradez com que se desempenham de todos os negocios que lhes são commettidos.

APONTAMENTOS DAS MINHAS LEITURAS

A lei da evolução na historia

II

Physiologia social chama-lhe Vacherot, e a penna tersa e energica de Tacito escrevia que a sua função principal era evidenciar claramente as acções virtuosas e inspirar o recio da infamia que na posteridade se liga ás palavras e ás acções culpadas.

Concepção puramente phantastica para os escriptores da antiguidade, a sua constituição scientifica e philosophica, tal como a comprehendemos hoje, não foi nem podia ser conhecida das epochas pretéritas.

Herodoto, Tito Livio, Thucydides não aceitam nem conhecem nenhum dos profundos modificadores do homem que a sciencia moderna nos apresenta.

Para Herodoto a narração das guerras medicas é uma especie de poema que recorda Homero, como diz um escriptor, e a heroica personalidade grega que n'essa lucta memoravel venceu a cobardia, a inepcia e a passividade dos Persas congloba-se em Milciades, Leonidas, Pausanias Themistocles, os unicos actores que tudo imaginaram, dirigiram e executaram. Toda a philosophia do historiador se resume n'isto: «E um combate de homens livres contra escravos».

Thucydides, contudo, é já um escriptor interpretando as consequências da guerra do Peloponeso, com o desassombroso criterio de um espirito tendendo para idéas mais justas e mais verdadeiras. Como politico, os factos que conta explica-os pela natureza das instituições, pelo papel dos partidos, pelo conflicto dos interesses, e a sua linguagem tem já aquelles tons severos e fortes de um historiador eloquente. É verdade que a individualidade humana, collectiva ou individual, occupa ainda o primeiro plano do quadro, mas, cousa notavel! — como se presentisse o grande papel que Gervinus havia de desempenhar tantos seculos mais tarde, inaugurando na historia o estudo da ethnographia e da geographia, Thucydides precede a sua obra de um estudo geographico e ethnographico.

Xenofonte, menos profundo que Thucydides, misturando a cada passo a moral á historia, levou Quintiliano a classical-o antes como philosopho do que como historiador. O que é certo, porém, é que Xenofonte pôde ainda considerar-se um historiador no sentido antigo da palavra, exagerando certamente o methodo de antiguidade a ponto de converter a sua historia em um tratado de moral.

Passando ao mundo romano vemos Tito Livio com a sua bella linguagem patriótica, em que o auctor n'uma obra eminentemente seria acaricia um pensamento nobre: refazer a alma d'esse povo que se contaminava e que se dissolvía. E é por isso que elle exclama «expor ao vosso olhar, n'um quadro luminoso e bello, lições de toda a sorte que parecem dizer-vos: eis o que deveis fazer no vosso interesse e no da republica; eis o que vos rebaixa e o que deveis evitar será sem duvida a mais salutar e principal vantagem da historia».

Depois Tito Livio passa em revista perante todos nós os pensamentos, a linguagem, as acções e os combates dos senadores, dos tribunos das legiões, de tudo o que emfim constitue a sociedade romana, e se não chega a revelar-nos a causa exterior que origina o desenvolvimento d'essas ambições de conquista, d'essas formulas de religião e justiça, é porque elle mesmo as desconhece, apesar de todo o seu bom senso. Em Polybio já nós podemos admirar uma alta comprehensão historica quando o vimos explicar a superioridade politica e militar de Roma, comparando as suas instituições com as dos outros grandes povos da antiguidade.

Se perguntámos, porém, a todos estes historiadores, porque dominou Roma o mundo inteiro, porque succedeu o imperio á republica, como se explica a sua grandeza e a sua decadencia, todos elles respondem «a mesma cousa, apontando identica resultante «a virtude republicana sepultada para sempre nos enervamentos do luxo».

Entretanto, vendo a forte corrente de vitalidade de critica que anima as paginas de Tacito; em presença mesmo d'esse bello livro de Plutarcho *Vida dos homens illustres*, a mais elevada expressão do espirito historico na antiguidade, nós não podemos negar o nosso respeito e a nossa admiração aos vultos que vieram preparando o progresso d'este ramo da sciencia através a marcha das sociedades, e que trazendo o seu contingente para a obra collectiva da humanidade são o mais bello testemunho de que insensivelmente elaboravam a grande lei historica da evolução; que alguns mil annos mais tarde outros espiritos haviam de formular!

AFONSO VARGAS.

MISCELLANEA HISTORICO-LITTERARIA

(Continuado do n.º 40)

IV

Antão de Faria ¹

(*Memoria inedita*)

Lourenço de Faria seruiu de Alferez mór a ElRej D. João 2.º sendo príncipe, Teue dous filhos: — Simão de Faria e Antão de Faria. O primeiro foj Monteiro mór² de ElRej, e morreo sem geração; o segundo foj camareiro³ do mesmo Rej, seu Escriuão da puridade⁴, e tanto seu intimo e valido, q' os q' quizerão auizar a ElRej dos casos do Duq de Viseu, o fizeram soo por seu meio, e esteue em tanto perigo de o matarem os coniuarados, quando intentario cometer a ElRej á porta de húa escada do Paço, q', entendendo o mesmo Rej o risco em q' o deixaua, uoltou atrás, e o tirou dentre elles; e, estranhando-lhe Antão de Faria o auenturarse daquello modo, respondeo ElRej q' folgara muito de se por húa uez na quelle perigo, por quem tantas uezes offerecera a uida por amor delle.

Foj tam modesto no pedir, que, crescendo com a morte do Duq de Viseu muitos dos acusadores em grossas rendas e titulos, soo elle ficou sem nenhú melhoramento, aundo sido dos q' nesta materia fizeram a ElRej maior seruiço. Com tudo, na confiança, parece q' o auentioeio ElRej a todos, pois em logar das terras e rendas, q' aos outros dera, lhe entregou a elle hum filho natural, q' o Duq de Viseu tinha, chamado D. Afonso, ao qual, por ser de muy pouca idade, criou Antam de Faria em sua casa, com nome inoberto até q' dipois ElRej D. Manoel o reconheceu por sobrinho, e o fez Condestable⁵ deste Reino; e elle, em quanto uiueo, respeitou grandemente a Antão de Faria, reconhecendo sempre a boa criação, q' nelle fizera.

A primeira ues que ElRej fes seu testamento lho escreveu Antão de Faria, como seu Escriuão, q' era, da puridade, e, notando ElRej, quando chegou á nomeação de erdeiro, disse q' deixaua por successor de seus Reinos a D. Iorge⁶; porém, reparando nisto Antão de Faria, não o quis escrever, antes lhe disse: — «Senhor: Eu sou feitura vossa, e nunca Deos queira que uos pague as muitas merces, q' me tendes feito, em fazer que por minha mão uades ao Inferno. Ahí está o Duque de

¹ Bibl. nac., Ms., vol. B-17-36, fol. 135.

² Superintendente de toda a montaria e caça da casa real.

³ O camareiro (mór) tem por officio vestir e despir o rei. A instituição d' este cargo data na Peninsula da epocha do dominio gothico. Propriamente em Portugal, foi Gonçalo Esteves de Azambuja o primeiro camareiro mór. Nomeou-o D. Pedro I.

⁴ O official encarregado de *ajurar* os documentos regios. Correspondia ao que em tempo dos romanos se denominava *conde dos notarios* (Cfr. Viterbo, *Elucidario*, n.º 7. Puntuação).

⁵ O conde que deve estar sempre ao lado do rei. O primeiro foi D. Alvaro Pires de Castro, nomeado em 1382 (D. Fernando).

⁶ Filho illegitimo de D. João II.

Beja⁷, que he vosso primo, e verdadeiro erdeiro. A elle deue V. A. nomear por successor.»—

A isto ElRej passando dixeu em uos alta:

—Deixaime, Antão de Faria!—

E dali a outro passeio, deu outro grito dizendo o mesmo, e depois de alguns, tornou:

—Escrevej, —deixo por meu erdeiro a meu primo D. Manoel.»—

Neste testamento, q̄ ultimamente errou ElRej, nomeou por seu testamenteiro ao mesmo Antão de Faria. Reconheceu ElRej D. Manoel esta obrigação, e tanto que erdou, mandou remeter a Antão de Faria os papeis e petições dos requerentes para lhe fallar nelles, dandolhe o mesmo cargo de Escriuão da puridade, q̄ em vida de ElRej D. João tuera, mas elle nunca o quis aceitar, nem entrar mais no paço, dizendo, que seria desagradecido a Deos, se, depois de o tirar com uida e honra de tantos perigos, tornasse agora a se meter de nouo nelles, e contudo teue tanto respeito à memoria DelRej, seu amo, que, ainda que a Rainha Dona Leonor estava mal com elle pella morte do Duq̄ de Viseu, seu Irmão,—emquanto viveo, assistio sempre na sala da mesma Rainha, aonde pella menha mandaua leuar hũa cadeira rassa, e nella estaua até q̄ a Rainha jantaua; e he de notar, q̄ a Alcaldaria mór⁸ de Palmella, e outras rendas da Coroa, q̄ elle possuio, e tem hoie seus descendentes, se lhe derão em satisfação dos direitos dos lugares de Faõ⁹ e Espousende, q̄ forão de seus antepassados, até seu pai, Lourenço de Faria; de maneira que saio do seruiço DelRej com a mesma fazenda, quasi, com q̄ entrou. Donde se vê quam pouco interecero foj, e a inteireza e verdade de sua pessoa,—cousa muy rara em semelhantes ualidos.

M. SEVERIM DE FARIA.

* * *

A ceramica em Lisboa, na segunda metade do seculo XVI¹⁰

Pello mesmo modo. Digo q̄hahi nestaçidade dez fornos de tigello que cozê següdo em formaçã¹¹ tenho tomado; delles mais emenos. E tomado nisso sua temperaçã. Digo que cozerã: bj vezes. E por que nos tamanhos delles de xx milheiros dos outros nos milheiros por que allgũs sas hahi deversos hũs do dozoito. e. xvj. e xv: E tomado nisto tẽperaçã: ponho hũs por outros aqzine milheiros: que sam per ano noventa e milheiros viram de fora por ho da tera nã habastar: l.¹² (50) cem milheiros que são ao todo mil milheiros que a seis centos reis por milheiro: valẽ em dr¹³ (dinheiro) sen caretos mill e quinhẽtos cruzados. E por q̄ hahi caretos q̄ custan a c.¹⁴ e l.¹⁵ omilheiro. E delles aduzẽtes reis e hay tãbem muyto tigelo rebatido que vall o milheiro amill reis e po (f) tudo o que se pode gastar em tudo dous mill e quinhẽtos cruzados.

Outro si ha nesta cidade sessenta fornos delouca así de baro como vidrado. E cozẽ em cada hũ ano: deles cada. xv. dias e deles cada vinte. E allgũs iij: vezes cada mes assi que tomado o m¹⁶ (meio) deste cosõmeto. diguo que ponho cada forno por ano. xx. vezes: hũs per outros E avaliaida cada fornada atres mill reis dando como dã allgũs por mais eoutros por menos. Vall o que Rendẽ cada forno em cada hũano sessenta mil reis E valem todos por estes Rendimẽtos: cõ os do vidrado cada ano dez mill cruzados.

(Importaçãõ)

Vem de sevilha em cada hũ ano de louca brãca segundo em formaçã que tomei por os di¹⁷ (direitos) que pagã dez mill cruzados.

Da mesma maneira vẽ per tera de talaveira trezentas carregas de louca branca q̄ vall cada carga atres e quatro mill reis Assi que vall toda hua per outra a. iij. mill reis que sam. ij. mill e quinhos (quinhẽtos) cruzados.

Tãbem vem deste reino da vila destremos e demõetes por onovo. iijc. (300) cargas deupcaros de toda sorte egõtes que vall cada carga. ij. mill e b¹⁸ (500) e. iij. mill reis que sam dous mill cruzados.

Tãbem quero afirmar pello ver pellos olhos muytas vezes por ser corioso dedicaf por cuja causa deito os olhos pera yso vir do barco de sacaemu, da Pouoa, Aluerqua, do adarço e

dalhandra e villa franca, e Pouos, em cada hũ año a çidade mil milheiros de telha que pelo preço que a compram la, e despesas que fazem em caRetos lhe custa posta em sua casa adous cruzados o milheiro valem dois mil cruzados.

ERRATAS

Ao ser paginado o n.º duplo 39-40, houve transposição das peças que constituem a *Miscellanea*. A carta de Pedro de Andrade Caminha não deve preceder a do mestre-de-nauio.

A nota da 1.ª col. tem de ser completada pela phrase que na 2.ª figura como nota 1, devendo esta ser substituída pela seguinte:—Bibl. nac., Mss., A-1-35.

CHRONICAS VULGARES

NOTAS PARDAS

... E cá estou eu emfim, meus sympathicos e gloriosos camaradas do Grupo do Leão. Não imaginem, porém, que vou agora fazer-lhes a critica dos quadros, pintores amigos. Já fui precedido por um escriptor de talento, que ao mesmo tempo é um fino artista, o sr. D. José Pessanha, e depois do que elle tão nitidamente accentuou seria prolixo o que eu acrescentasse. Descansem, pois, que estão livres de mim n'este ponto; mas... ha o resto.

Eu me explico. Ha annos que sigo com enthusiasmo e com dedicação essa pequena confraria de trabalhadores da forma e da cor, que assisto á eclosão promettedora de mais de um talento vivo, e pergunto a mim mesmo que estranho e incompreensivel meio é este em que todos nos agitamos, para, volvidos tempos, desfibrar, desilludir, entorpecer emfim as fontes de originalidade e de inspiração dos mais fins temperamentos até.

Aqui têm os senhores, Silva Porto, o grande, o glorioso, o austero Silva Porto, mestre para gregos e para troyanos, e que, longe de nos dar um quadro d'esses que fazem calar os mais exigentes, e que firmam definitivamente um nome na pyramide crystallina, e coruscante da Gloria, se contenta em fazer crystallinas telas, que embora verdadeiras obras primas, perante a pura e inacessivel Arte, como aquella *Marinha da Povoia*, e como a *Volta para a arribana*, não conseguem, contudo, fazer parar, de estupefacta e de enternecida, a multidão desinteressada e indifferente que passa...

Ahi têm os senhores, Ramalho, um paizagista que tanto promettia, e que chegado a um certo ponto se quedou enamorado e abstracto a contemplar os astros, não expondo trabalho que a valer determine e accentue a sua individualidade.

E o que faz Columbano? Evidentemente que entre os largos ocios de que todo o artista precisa e o periodo de producção que marca as creações do talento elle deve ter feito alguma cousa digna d'elle e da Arte.

Não se tem as qualidades de pintor e de colorista que Columbano possui — apesar de quanto pareça provar o contrario, — para deixar ir deslizando a vida n'uma atonia beatã e n'um divagar enervante...

Ouçõ já segredarem-me de lado que nem todos são obrigados a apresentar primores com a mesma facilidade com que os peço aqui; mas, meus caros amigos que segredam não esqueçam que ha nomes que representam para a Arte um compromisso tremendo, e aos quaes ella exige uma constante e crescente contribuição de trabalho e de gloria...

Não fallemos agora nos demais artistas, alguns dos quaes, longe de progredirem estacionaram, quando não retrogradaram, e vejamos se se pôde explicar esta falta de iniciativa e de confiança, este fraquejar momentaneo que parece de alguma forma haver invadido o grupo, ou parte d'elle.

São de dous ordens as causas que quanto a mim determinam este afrouxamento nas faculdades progressivas de varios dos artistas actuaes: falta de uma forte iniciativa individual e collectiva, e ausencia de um bem entendido auxilio das corporações do estado.

Pessoalmente, muitos dos pintores e esculptores, victimas do meio em que se têm formado, sentem-se apathicos, desilludidos, descrentes de tudo—até da propria Arte, e têm, alguns, varias doenças lamentaveis, de natureza puramente moral e subjectiva, entenda-se.

Assim ha-os que se suppõem incompreendidos e tão acima da simples vulgaridade dos homens e das cousas, que nem sequer admittem a mais anodyna e inoffensiva critica, e para logo passam ao desgraçado incauto que ousou emittir uma

⁷ D. Manuel, que effectivamente succedeu ao príncipe perfeito.

⁸ Guarda de castello no fortaleza. (Do arabe *Kad*, governar.)

⁹ Logar no termo de Barcellos (Minho).

¹⁰ Bibl. nac., Mss., vol. n.º 11-10. (1552, folio, 105 l. Innumeradas, lettra do seculo xvi, capitães ornamentadas.)

opinião o diploma de ignorante e de tolo, devidamente autenticado.

Ha-os que cortejam os gostos vulgares e instáveis de um certo publico, e em tudo pensam, menos em fazer uma obra real e conscienciosamente artistica.

Finalmente, ha-os que não encontrando nem no publico nem nos entendedores, nem no estado, nem na collectividade o apoio, a sympathia e o incitamento que precisavam, vão tristemente singrando no mar morto da obscuridade e da descrença, até de todo sepultarem bem fundo o incontinente e perigoso amor que um dia sentiram por essa estranha cousa que se chama a Arte.

Quer-me parecer que ha de tudo isto no Grupo do Leão, e quanto a mim só assim se explica um certo estacionamento que n'elle se nota.

Pois, meus caros artistas, presentemente se ha na classe alguns que devam queixar-se não são precisamente os senhores, quero crer, a não ser que por um principio de justiça bem entendido — e que eu louvára sem restricção, comecem por queixar-se de si proprios.

Se fizerem isso, então é que eu perguntarei tambem á camara municipal de Lisboa e ao governo, synthesizado na pessoa do sr. ministro do reino, quando é que se resolvem a consignar nos seus respectivos orçamentos uma verba para a acquisição de obras de arte nacionaes a artistas que tambem o sejam...

Mas é conveniente recordar-lhes então, meus caros artistas, que tambem precisarão estudar e dedicar-se um tudo nada mais do que o fazem alguns dos senhores, e porem absolutamente de lado, como impróprias da Arte, as baixas preoccupações de mercantilismo e de fãncaria...

O proprio mestre de quasi todos os senhores, o sr. Silva Porto, emfim sempre tão grande, mesmo nos pequenos quadros, precisa lembrar-se mais a miudo de que tem um nome glorioso a conservar, dando-nos se não todos os annos, pelo menos de dois em dois annos, alguma grande tela onde brillantemente se affirmem as suas excepçoes e dominadoras qualidades, de animalista, de paizagista, de *marinista*, se é permitido o termo, de pintor, emfim, que tão intensa e tão vivamente conhece a natureza e a interpreta.

Seja o nosso Troyon ou o nosso Millet, e se o estado ou a camara não lhe quizerem comprar as suas obras, que serão sempre obras primas quando lhe aprouver produzi-las, a imprensa que cumpra o seu dever, indicando áquellas entidades o seu dever, e em ultima instancia descompondo-as ou exautorando-as.

E o resto da *sympathica gilda* que imite o mestre, visto que tem talentos como Vaz, que nos deu aquelle bello quadro de pintura architectural (que a camara deveria comprar, logo que pensa em organisar um museu), como Sousa Pinto e Columbano, que em toda a parte seriam dois *pastellistas* de primeira linha, como Ramalho, Malhoa, Carlos Reis, Salgado e tantos outros.

E para despedida uma ultima palavra, caros amigos, pensem na organisacão a serio de uma verdadeira corporaçao de artistas, com um verdadeiro *salon*, e variem um pouquinho mais a gamma demasiado limitada dos seus assumptos...

Não se esqueçam tambem de ser um tudo nada menos exigentes nos preços que marcam a algumas das suas telas, preços verdadeiramente phantasticos, mesmo para Paris, quanto mais para Lisboa, desde que além d'isso nem todas as telas são positivamente obras primas, como os senhores concordarão...

E pois que me é tão grato tratar de artistas continuarei esta chronica, ferindo a mesma nota. Fallemos de musica, leitora amavel. Fallemos, sobretudo, de Rey Collaço e de Rachel Luisello — e especialmente d'esta ultima.

A Rey Collaço já não ha muito disse tudo que a justiça me ordenava lhe dissesse, e nem sei que mais possa acrescentar.

Depois de ouvir tocar o *impromptu* et *variations* de Schubert, as *fausses notes* de Rubinstein, e Saint-Saens, e Chopin e tantos outros, como o grande pianista o fez, o espirito procura em vão a forma dentro da qual ha de crystallisar a impressão que sentiu, traduzindo-a em palavras. Um simples *bravo* e um enternecido *obrigado*, eis tudo.

Agora Rachel Luisello. Filha de artistas, educada por artistas, artista ella propria até á essencia da sua alma, a *sympathica* e notavel harpista só tem infelizmente para nós e para ella um incommodo senão: a falta de saude.

Organisacão delicada, franzina, debil emfim, opéra prodigios de tenacidade e de concentracão nervosa e muscular, verdadeiramente assombrosos, para nos dar os primores que nós ainda outro dia applaudimos.

Mas antes de fallar propriamente do concerto fallemos ainda a seu respeito.

Lembram-se de Fontana, certamente? Pois Rachel foi até ao derradeiro alento do grande musico a sua dilecta discipula, a filha espirital do seu espirito, a sua obra e a sua gloria em summa.

Quando elle, já moribundo, quasi sentia fechar-se-lhe para sempre os olhos, ainda quiz ouvir Rachel Luisello vibrar as cordas do seu instrumento querido, e como que fallando já da sepultura, dictava-lhe tudo o que ella havia de estudar e de fazer para attingar a altura em que a vemos hoje.

Parecia, que com a intuição mysteriosa que certos espiritos possuem no momento de para sempre se evolverem para o eterno ignorado, elle presentia n'essa fraca e ingenua creança que o destino lhe fizera conhecer e amar, a brillante continuadora da sua arte e do seu nome, o titulo glorioso e incontestado da sua nobreza e do seu valor...

E o que é facto é que a discipula respondeu, se é que não excedeu em tudo ao que o mestre phantasiara d'ella, e hoje, se lá das alturas impenetraveis e sempre mudas a alma dos que d'aqui partiram acaso acompanha os que por cá ficaram, a de Fontana deve sentir-se feliz e orgulhosa, por ver que tão bem comprehendia foi por uma outra grande da sua...

Bem sei eu quem vai já achar exagerado isto que aqui fica muito espontanea e muito sinceramente escripto: — é Rachel Luisello; mas que a distincta artista m'o perdoe; pôde até zangar-se, que não me obrigará a desdizer-me do que escrevi e estou escrevendo.

Pôde ser modesta á sua vontade, mas deixe que os que a conhecem, quanto mais não seja, a saudem.

De resto, se tem vontade de partilhar com alguém a gloria que por ventura a incommoda, descanse que já lhe dou compãneros.

Disse que a distincta artista era filha de artistas. Com effeito, quem conheceu sua mãe sabe bem como ella tocava e o que ella valia. Professora de primeira ordem e executante como ainda hoje é raro, e como entao era rarissimo, não podia deixar de ter como filha uma artista e entregue ás exigencias da familia foi uma pianista que em nenhum centro musical passaria despercebida, e finalmente, a casa em que estas senhoras viveram por muito tempo em Lisboa era por assim dizer um conservatorio, e um templo d'arte. Ahi tinhamos, pois, nós a hereditariade, a influencia do meio, o *habitat*, a educacão e quantos privilegios eu quizesse empregar para demonstrar a minha asserçao.

E já Rachel Luisello pôde ficar um tanto mais tranquilla, porque, dadas as circumstancias acima expandidas, impossivel era que ella não ssaie artista e artista a valer. Que saiu, prova-o a forma como ella toca as mais difficeis e a mais exigentes composições que se podem pedir á harpa, onde parece que em vez das suas mãos nervosas e finas para um sopro invisivel da verdadeira Inspiracão immaculada e sublime...

Quando se executa assim, com aquelle vigor, com aquella nitidez e com aquelle brillantismo o grande duo de Steibelt, e que por instantes os dois instrumentos fundidos n'um nos davam a sensação de estarmos no céu, e não n'uma cadeira na rua do Alecrim, e depois o *ronde* de Reeves, o *andante* et *variations* de Thomaz, a melodia de Mendelssohn e o estudo de concerto de Godefroid, quasi merece que não se applaudamos de joelhos e ao que pelo menos tem direito é aos agradecimentos de quem possuir coração e ouvidos.

Acrescente-se que Rachel Luisello tocava com os pulsos abertos, e supportando dores horroveis, e que a harpa está longe de ser o que de melhor se conhece n'esta ordem de instrumentos.

Que o bom Deus, se Elle realmente intervem nos actos humanos, se resolve a dar a esta *sympathica* e adoravel rapariga a unica e preciosa cousa que ella lhe pede, uma saude perfeita e intacavel, e quero crer que não será só o publico portuguez quem ha de dizer d'ella o que a sua extraordinaria e privilegiada natureza artistica lhe inspira, mas serão todos os publicos perante quem a conscienciosissima e illustre artista se apresente, que todos elles ficarão maravilhados com os prodigios que sobre algumas simples cordas pôde fazer esta cousa unica e sagrada o—Talento.

Que, como espectador perdido na enchente, me seja dado o prazer de a applaudir então com o mesmo entusiasmo e com a mesma sinceridade com que o fiz na sua noite, eis o que de melhor lhe posso desejar — e desejar-me...

RI-MAL.